

**A CONTRIBUIÇÃO
DOS ESTUDOS SOCIOGEOLINGUÍSTICOS
PARA A ESCOLHA LEXICAL NA RECEPÇÃO E PRODUÇÃO
DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS**

Adriana Cristina Cristianini (USP, UNIBAN)

dricris@usp.br

Márcia Regina Teixeira da Encarnação (USP)

maregi@usp.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Foi-se o tempo em que acreditávamos que bastava saber ler e escrever, falar e ouvir. Já ficou claro que é necessário mais que isso. É necessário dominar a linguagem para participarmos ativamente da vida da família, do bairro, da cidade, do país.

Tal afirmação torna-se explícita e documentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN –, que se constitui em referência para discussões curriculares e revisão e/ou elaboração de propostas didáticas para o ensino e que, como objetivo primeiro, prevê a formação do cidadão.

Cabe ressaltar que ser cidadão é ter condições de participar social e politicamente, exercendo direitos e deveres, adotando atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito. Para tanto, faz-se imprescindível que o indivíduo reconheça-se capaz de posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais.

Posicionar-se de maneira adequada exige, acima de tudo, um domínio da linguagem que permita ao indivíduo escolher as palavras certas para cada tipo de discurso, de objetivo, de pessoa, de contexto, de assunto etc.

Além disso, o conhecimento e o respeito à diversidade cultural/linguística abrigam o segredo para o desenvolvimento dos atributos necessários para que, realmente, o indivíduo possa desempenhar plenamente sua cidadania.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E O ENSINO DA LÍNGUA

Quando falamos, aqui, em diversidade, obviamente não nos esquecemos de que há uma multiplicidade de facetas a serem analisadas. Entretanto, é na Linguística que vamos buscar a identidade de cada indivíduo, de cada comunidade, de cada grupo social etc.

A Dialetologia e a Sociolinguística têm buscado, com muito empenho, descrever e analisar as normas e as variações linguísticas em grupos específicos.

Muitas são as contribuições para o ensino de língua, materna ou não, que podemos observar como fruto de estudos dessas áreas da Linguística.

Possenti (1996, p. 17) afirma que “o papel da escola é ensinar o português padrão”, desde que se desmistifique algumas crenças a respeito do que é uma língua: não há língua homogênea, não há língua uniforme, todos os que falam sabem falar, não se deve ensinar aquilo que os falantes já sabem etc.

Marcuschi (1998, p. 137-156), ao discutir os parâmetros curriculares, diz que é necessária, por parte da escola, maior atenção à língua falada, no que se refere à variação linguística:

1. A língua não é um sistema autônomo, nem se esgota no código linguístico, [...] é um fenômeno cultural e histórico fundado numa atividade social e cognitiva que varia com o tempo de acordo com os falantes[...];
2. A escola tem a missão de ensinar a escrita padrão [...] para o uso no dia-a-dia [...];
3. [...] a criança já sabe falar quando entra na escola [...] respeitar a fala do aluno é ter sensibilidade para sua realidade [...] é bom fazer ver a ele que existem muitas formas de falar[...];
4. Todos os dialetos/variedades são igualmente respeitáveis [...] O aluno vai à escola para ampliar os seus conhecimentos, inclusive, o conhecimento linguístico [...] O correto é respeitar a fala do aluno e, ao mesmo tempo, fazê-lo saber que há uma fala diferente da sua [...];
5. A língua é heterogênea, multiforme e mutável [...];
6. A variação linguística conduz a mudanças e permite a vigência de várias normas ao mesmo tempo [...];

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

7. O uso da língua se dá no discurso realizado em textos [...]. Seu trabalho deveria dar-se na análise da produção discursiva [...];
8. A aprendizagem de normas e regras gramaticais não é prioritária [...].
9. [...] Em suma: Não se “ensina” a língua. Ensinam-se os usos da língua.

Muitos outros linguistas caminham nesta mesma perspectiva de Marcuschi, implantando novas ideias no ensino da língua.

Um dos aspectos fundamentais e que deve ser urgentemente incluído na formação de professores é a conscientização de que o ensino da variedade padrão deve também incluir o conhecimento da fala do aluno com todas suas variantes e da fala da comunidade em que o professor está atuando. Isso irá deixar de lado o antigo preconceito de que o aluno fala “errado”.

O professor deve conceber a língua portuguesa como uma realidade heterogênea, cuja variação no espaço geográfico e na ordem social está relacionada à história da colonização e aos valores culturais e ideológicos da região em que está sendo empregada.

A SOCIOGEOQUÍSTICA E A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS SOCIOGEOQUÍSTICOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

O termo Sociogeolinguística surge, no florescer do século XXI (em 2004), empregado inicialmente pelo Grupo de Pesquisa em Dialetoлогия e Geolinguística da Universidade de São Paulo – GPDG/USP – para designar os estudos geolinguísticos que consideram fatores tanto geográficos quanto sociais para coleta, registro e análise de dados linguísticos.

Os estudos sociogeolinguísticos são imprescindíveis àqueles que estão envolvidos no processo educacional e comunicacional, pois buscam conhecer e registrar os diversos falares regionais vinculados a fatores sociais. Visam a um conhecimento mais específico das variações linguísticas e a uma aproximação com os integrantes dos variados grupos sociais para, com eles, estabelecer um diálogo, uma interação, ou apenas compreender melhor a causa dessas dife-

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

renças, resultantes de operações de forças sociais, envolvendo grupos étnicos, religiosos, educacionais, econômicos e outros.

Estudos atuais de Sociogeolinguística priorizam os fenômenos de variação diatópica em confluência com variáveis sociais, tal qual faixa etária, gênero e grau de escolaridade.

Essas variáveis são determinadas na seleção dos sujeitos que respondem a um questionário para que se formem bancos de dados que são quantificados. Seus resultados são apresentados em quadros, tabelas, gráficos e, finalmente, em cartogramas linguísticos. O conjunto de cartogramas linguísticos de determinado local constitui-se no atlas linguístico da região estudada, concretizando-se um retrato do falar do grupo determinado em uma região específica.

No Brasil, os estudos sociogeolinguísticos têm permitido que se obtenha um considerável volume de dados a serem utilizados por estudiosos da Lexicologia e Lexicografia, gramáticos, autores de livros didáticos e professores para aprimoramento de seus conhecimentos dentro da realidade linguística das variações que revestem o falar do Português Brasileiro (PB).

O estudo sociogeolinguístico evidencia que, apesar de dotada de unidade sistêmica, a língua portuguesa no Brasil, como instrumento social de comunicação, possui várias normas de uso.

A análise do vocabulário de um grupo humano, especialmente num recorte regional, proporciona a recolha de formas linguísticas que denotam as influências socioculturais sofridas por esse grupo. Assim, podemos falar da força criadora da linguagem que, por vezes, atravessa fronteiras e infiltra-se, de forma sutil, em culturas e sociedades diversas.

Podemos observar, ainda, que os estudos sociogeolinguísticos contribuem para que se tenha embasamento teórico que facilitem o cumprimento das diretrizes para a educação básica no que diz respeito à diversidade cultural e linguística do nosso País.

A Sociogeolinguística ocupa-se das variações de aspectos fonético-fonológicas, semântico-lexicais, morfossintáticas e pragmáticas.

A ESCOLHA LEXICAL NA RECEPÇÃO E PRODUÇÃO
DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS

O presente trabalho enfatiza as variações diatópicas de aspecto semântico-lexical, considerando as variáveis sociais citadas acima.

É certo que uma das dificuldades enfrentadas pelos alunos ao aprender o uso da língua é compreender a diferença entre as variedades da fala. Não menos difícil é ensinar a escrita e suas adequações quanto aos gêneros, tarefa esta enfrentada pelo professor de língua portuguesa e de redação.

Trabalhos que resultam em atlas linguísticos oferecem um cabedal de conhecimentos aos professores e aos alunos que podem, dentre outras funções, ser empregados em diferentes contextos e gêneros discursivos.

Desde a seleção de textos – unidade básica do ensino de Língua Portuguesa – por parte dos professores, até a produção de textos por parte dos alunos, temos escolhas vinculadas à questão lexical.

Segundo os PCN (1998), para que se desenvolva a sequencição dos conteúdos a serem ensinados aos alunos, deve-se considerar – para definir o grau de dificuldade posto para o aluno, ao se relacionar com os diversos aspectos do conhecimento discursivo e linguístico nas práticas de recepção e produção de linguagem – a seleção lexical (maior ou menor presença de vocábulos de uso comum, maior ou menor presença de termos técnicos, por exemplo).

Segundo os PCN, o estudo do léxico permite que os alunos ampliem suas opções de dizer e, ainda, reflitam sobre a construção dos seus próprios textos e sobre os textos dos outros.

Além disso, os professores de língua portuguesa devem promover a ampliação do repertório lexical do aluno pelo acréscimo de novas palavras de modo a permitir que o educando tenha conhecimento das várias possibilidades que existem. É essencial que os professores deixem claro a seus alunos e à comunidade escolar que é natural, em todas as línguas, o fenômeno da variação e da mudança.

Somente com tal conscientização será possível que o aluno possa observar a língua em uso, como sugere os PCN (1998), de ma-

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

neira a dar conta da variação intrínseca ao processo linguístico, considerando, entre outros:

- os fatores geográficos (variedades regionais, variedades urbanas e rurais), históricos (linguagem do passado e do presente), sociológicos (gênero, gerações, classe social), técnicos (diferentes domínios da ciência e da tecnologia);
- as diferenças entre os padrões da linguagem oral e os padrões da linguagem escrita;
- a seleção de registros em função da situação interlocutiva (formal, informal);
- os diferentes componentes do sistema linguístico em que a variação se manifesta: na fonética (diferentes pronúncias), no léxico (diferentes empregos de palavras), na morfologia (variantes e reduções no sistema flexional e derivacional), na sintaxe (estruturação das sentenças e concordância).

Certamente, há de se considerar a comparação dos fenômenos linguísticos observados na fala e na escrita nas diferentes variedades.

No que tange à recepção de textos, considerando que pode ocorrer uma densidade lexical em universos específicos, muitas vezes a carga de sentidos novos atribuídos a determinadas lexias supera a capacidade do receptor de processá-las e assimilá-las.

O domínio de amplo vocabulário é um atributo fundamental a um leitor proficiente. A escola deve, portanto, propiciar ao aluno situações didáticas que permitam a aprendizagem de novas palavras e, assim, desenvolva também o discernimento para empregá-las de maneira adequada às respectivas situações em suas produções textuais.

Diversas são as atividades que podem ser desenvolvidas pelos professores, com seus alunos, em sala de aula e fora dela.

Ilari (2005) propõe uma série de pontos que podem, inclusive, direcionar o professor na elaboração dessas atividades que possibilitam ao aluno desenvolver seu conhecimento quanto à organização das palavras em conjuntos estruturados, de modo a relacioná-las a um determinado tema, gênero, como a outros possíveis elementos de um texto. Dessa forma, desenvolve-se a capacidade de projetar, a partir do elemento lexical, a estrutura associada a seu sentido e promove-se uma reflexão quanto ao emprego adequado de palavras li-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

mitadas a certas condições histórico-sociais (regionalismos, estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, jargões, gírias).

Os dados apresentados pelos estudos sociogeolinguísticos também podem propiciar material para que o professor desenvolva atividades que direcionem os alunos a, por exemplo: elaboração de glossários; consultar dicionários na busca de antônimos e sinônimos/parassinônimos; identificar palavras-chave em um grupo de termos derivados; identificar questões de ambiguidade; verificar as possibilidades de usos de hipônimos e hiperônimos; reunir lexias em áreas semânticas; reconhecer os processos de derivação; trabalhar com a elaboração de definições; “brincar” com o jogo de sentidos que podemos obter com as diferentes escolhas lexicais.

É essencial, sobretudo, que se tenha em mente que o aprendizado de novas palavras, inclusive de sua forma gráfica, não se esgota nunca. A cada dia tomamos posse de uma nova possibilidade de uso linguístico. Diante disso, mais importante que desenvolver atividades pontuais sobre determinados usos lexicais, é fazer uma opção que leve a um trabalho regular e frequente e que a aprendizagem do léxico esteja vinculada ao universo temático dos textos selecionados para a leitura, não deixando de enfatizar o emprego das lexias assimiladas nas produções textuais de forma a contemplar os diferentes gêneros discursivos e suas especificidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inquestionável que os professores que conhecem a diversidade da língua e, concomitantemente se dedicam à investigação e à descrição de fatos linguísticos são capazes de ensinar a variedade padrão de uma forma menos complicada e muito mais prazerosa, pois acrescentam durante todo o tempo de criação, as contribuições do aluno e do meio social em que vivem e com o qual interagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: terceiro e quatro ciclos: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

———. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ILARI, R. *A Linguística e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

———. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Novas teses para uma reflexão sobre a valorização da fala no ensino de língua. *Revista da ANPOLL*. Vol. 4, jan./jul. 1998, p. 147-156.

———. Perspectivas no ensino de Língua Portuguesa nas trilhas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **In:** BASTOS, N. B. (org.). *Língua portuguesa em caleidoscópio*. São Paulo: EDUC, 2004.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.